



Data: 25.11.2017

Título: "As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente"

Pub: **Expresso**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;25



FOTO JOSÉ CARLOS CARVALHO

Área: 1234cm² / 47%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5928096



Data: 25.11.2017

Titulo: "As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente"

Pub: **Expresso**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;25

ENTREVISTA

Tiago Oliveira Chefe da Equipa de Missão para os fogos rurais

“As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente”



Área: 1234cm² / 47%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5928096



Data: 25.11.2017

Título: "As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente"

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;25



Texto **CARLA TOMÁS**
Foto **JOSÉ CARLOS CARVALHO**

Tiago Oliveira assumiu há um mês o cargo de chefe da equipa de missão que vai montar o novo sistema integrado de fogos rurais e promete: para o ano “vamos estar mais bem preparados, seguramente”. Mostra-se confiante de que vai conseguir pôr a andar o modelo que integra prevenção e combate sob um comando único. Senão “tudo será em vão”. Adota a atitude da “formiguinha”, mas admite que em todas as tragédias “as pessoas precisam de um herói”. Para lembrar o que tem em mãos, espalhou várias frases e ideias em folhas A4 na parede, como: “Atenção não cair na armadilha do combate” ou “Encontra o problema e assegura-te de que ele é resolvido”.

Esteve esta semana em Madrid a ver o balanço dos fogos espanhóis. Portugal deve adotar o modelo espanhol?

Queremos aproximar-nos das boas práticas de Espanha. Eles têm um modelo que tem um responsável por um território que assegura a gestão florestal, que conhece os caminhos, que põe os meios a trabalhar de forma coordenada e faz com que haja menos ignições. Estamos apostados em ter um modelo semelhante e esse será o nosso contributo decisivo.

O que está mal em Portugal?

Precisamos de reconhecer que os incêndios em Portugal resultam de uma paisagem que não é gerida; que o colapso do modelo agrícola a norte do Tejo não foi objeto de intervenção do Estado; que a produtividade e competitividade do sector florestal não estão a ser abordados. As alterações climáticas agravam o problema e há uma população envelhecida que teima em não mudar hábitos e uma dificuldade de cada um de nós em exercer o seu lugar de cidadão e saber respeitar o

próximo. Embora a estrutura da propriedade seja privada, tem de haver alguém no Estado capaz de administrar esse território com regras.

Quem é esse ‘alguém’?

Pode ser um funcionário de um gabinete técnico florestal que subcontrata recursos locais ou que faz parcerias com câmaras e empresas públicas ou privadas. O país tem uma dimensão florestal silvopastoril que ocupa mais de 2/3 do território e tem de ajustar as instituições a esta realidade. Os Ministérios da Agricultura e do Ambiente têm de fazer uma gestão no longo prazo. Temos uma floresta cujos proprietários têm de ser remunerados pelos serviços de natureza ambiental que criam. Se este território não for gerido, não há dispositivo de combate que salve o país.

Como se dá a volta?

Temos de encarar o problema de frente e dizer que não se faz num ano o que foi destruído em 40. Não há passes mágicos.

Foi preciso um “choque” para se alterar a forma como se encaram os incêndios?

Depois das grandes catástrofes o sistema reage sempre, umas vezes mais a nível político, outras a nível operacional.

Após os incêndios de 2003 e 2005 houve reação, fizeram-se planos, mas recuaram. Porquê?

Porque as sociedades têm dificuldade em aprender. Ajustam as medidas ligeiramente, até que por fim reconhecem que o contexto mudou e é precisa uma transformação.

Está confiante que agora essa transformação vai ser feita?

Estou confiante. Senão, o que estava aqui a fazer?

Foi convidado pelo primeiro ministro. Ficou surpreso, já que ele meteu na gaveta o plano que coordenou em 2004 que previa a junção de prevenção e combate?

Quem meteu o estudo na gaveta foi o Governo de então e não o agora primeiro ministro. Na altura a Agricultura não estava no tabuleiro e agora está. Pode fazer a diferença. O plano do ISA foi uma solução vanguardista entendida pela academia, mas não pela sociedade, que não tinha percebido a dimensão do problema.

Não houve apoio político?

Após os incêndios de 2003 foi feito um plano, mas o sobresalto dos incêndios de 2005 forçou o Governo a uma resposta de curto prazo, saída do debate público, que caiu na armadilha do combate. O incêndio de 15 de outubro deste ano mostra bem a alteração de contexto. É necessário reconhecer que é preciso abrir espaços na floresta, criar mais pastagens, tirar árvores e fazer melhor gestão de povoamentos.

Ocupa um cargo idêntico ao de um secretário de Estado, mas responde a quem? E como se articula com os outros ministérios?

Respondo ao primeiro ministro. Os responsáveis de cada projeto são os ministros. Nós somos o catalisador. Estamos aqui para instalar a Agência e assessorar nas matérias associadas à gestão dos incêndios. Eu sou um técnico portador do conhecimento. Não sou um mágico, não tenho nenhuma varinha de condão.

É visto como o salvador da pátria...

As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente. O meu papel é trazer a experiência, conhecimento e *networking* internacional e pô-los ao serviço do país.

E se não conseguir?

Tenho 14 meses para tentar. Podemos não fazer tudo o que sonhámos, mas sim o mais importante. Se não formos capazes de deixar encarreirada uma organização capaz de gerir a prevenção e o combate será uma pena. Não é por ter mais

aviões ou gente capaz no combate que isto se vai resolver. Resolve-se se o Estado dedicar mais tempo a gerir o seu interior. Reformar o modelo, profissionalizar e capacitar são as nossas instruções.

Já defende esse modelo há muito. Quais as maiores dificuldades para pô-lo a funcionar?

Com humildade confesso que este mês não tivemos muitas dificuldades.

Nem das corporações de bombeiros?

Recebemos o comandante Jaime Marta Soares com o qual tivemos uma conversa franca de mútuo entendimento e cooperação futura.

Como vão integrar os bombeiros voluntários e profissionais?

Os bombeiros são fundamentais na implementação do sistema de gestão de operações de socorro. Em eventos de maior escala é preciso ter sistemas de colaboração em que todos cooperam contra um inimigo comum que é o fogo. É necessário ter uma estrutura multifuncional 365 dias por ano, a maior parte deles na prevenção e os necessários no combate.

Durante anos as corporações foram uma força de bloqueio à junção de prevenção e combate, certo?

A singularidade da tragédia que infelizmente aconteceu este ano teve o condão de dizer que não se pode continuar a ter este apontar de dedos e todos temos de ser capazes de fazer tudo. Com cooperação e inteligência e numa lógica integrada, Administração Interna, Ambiente e Agricultura estão todos no mesmo barco para preparar o país para gerir vivências desta magnitude.

Área: 1234cm² / 47%

Tiragem: 123.400

FOTO

4 Cores

ID: 5928096



Data: 25.11.2017

Título: "As pessoas gostam de ter um herói. Eu sou um sobrevivente"

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;25



É a Agência para a Gestão Integrada dos Fogos Rurais que vai comandar o barco?

■ Ela tem a missão de coordenação, estratégica, definição orçamental, avaliação e planeamento. A Agência vai arrancar em janeiro e vai participar na definição do dispositivo para que este seja mais eficaz.

A equipa de missão vai integrar a Agência?

■ Somos a comissão instaladora. Enquanto não tiver presidente, nós vamos liderar e puxar pelas medidas, fazer pontes entre ministérios, mas quem as vai pôr em campo são os ministérios que têm os recursos, as competências e o dinheiro para fazerem as tarefas.

Vamos estar preparados para a próxima época de incêndios?

■ Vamos estar mais bem preparados, seguramente.

Há 17 regiões já sinalizadas como sendo as de maior risco para o próximo ano. O que vão fazer?

■ Vamos desenhar o dispositivo de prevenção e de combate para essas zonas de risco que podem ser 18 ou 19. Uma tragédia como a deste ano não pode voltar a acontecer. Só reduzimos essa possibilidade começando por reduzir o número de ignições com patrulhas de vigilância e campanhas de sensibilização também nas escolas.

Vamos ter uma reunião para a semana com o Ministério da Educação.

Tudo isso leva tempo. O secretário de Estado das Florestas deu muito ênfase às comissões intermunicipais. A sua equipa de missão não parece estar em sintonia.

■ Eu seria lunático se dissesse que para o ano vai ser tudo maravilhoso e correr bem. Andamos há 40 anos a não olhar para o problema e a desmontar um sistema e agora de um dia para o outro resolvia-se tudo!? Temos de olhar para o problema, trabalhar sobre as causas e pegar no que já havia, como as comissões intermunicipais e dizer aos autarcas: estão aqui os recursos, a metodologia de trabalho, agora façam. A solução é local. A equipa de missão só faz o chapéu. Precisamos de recuperar credibilidade no sistema e ter um sistema mais eficaz a gerir vegetação e a proteger as pessoas.

Quando vai a ANPC ter comandos nomeados por concurso público?

■ Temos de falar com o general Mourato Nunes que é quem tem essa responsabilidade. Mas temos propostas de perfis.

As Forças Armadas vão integrar o dispositivo e vão responder ao "homem" que o vai gerir no terreno?

■ Eles respondem ao ministro da Defesa.

Mas em Espanha os meios aéreos respondem ao comando regional.

■ Porque os meios aéreos são do Ministério da Agricultura e a Força Aérea apenas os guia. Os especialistas no terreno fazem parte do sistema de gestão operacional e respondem ao coordenador do combate aéreo que não tem de ser um militar.

Vai ser criada uma bolsa de peritos. Quem são?

■ São pessoas que sabem interpretar uma carta militar, olhar para a meteorologia e para a vegetação e como têm os modelos teóricos na cabeça facilmente percebem o comportamento do fogo. Essa é a diferença entre conhecimento e experiência. E até podem ser estrangeiros, catalães ou galegos.

Sempre defendeu que os incêndios se apagam com uma enxada. Para quê reforçar meios aéreos?

■ É verdade. Os fogos são liquidados com enxadas ou *bulldozers*. Os meios aéreos são importantes para conter o incêndio à nascença ou conter os flancos quando está em progressão solta, para dar segurança às equipas no terreno. Mas não são os meios aéreos que apagam o fogo.

Está a ser difícil fazer a missão?

■ Este problema tem uma dimensão tão grande que só com humildade vamos conseguir

resolvê-lo. Formiguinha, formiguinha, todos fazemos a nossa parte para que os políticos decidam melhor.

ctomas@expresso.imprensa.pt

"TEMOS DE ENCARAR O PROBLEMA DE FRENTE E DIZER QUE NÃO SE FAZ NUM ANO O QUE FOI DESTRUÍDO EM 40"

"OS FOGOS SÃO LIQUIDADOS COM ENXADAS OU BULLDOZERS. NÃO SÃO OS MEIOS AÉREOS QUE OS APAGAM"